

HEGEL: A FILOSOFIA COMO SISTEMA

Marilene Rodrigues de Mello Brunelli
CES-Belo Horizonte, MG

HEGEL, Georg W. Friedrich, *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio: 1830* (Trad. Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado), São Paulo: Loyola, 1995, Vol. 1, 443 pp., ISBN 85-15-01069-0

As Edições Loyola, com esta publicação em língua portuguesa, oferecem ao estudioso da filosofia um dos textos mais importantes do pensamento filosófico sistemático e, considerado por alguns intérpretes, o mais completo do Idealismo Alemão. A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio* é o pensamento da filosofia enquanto sistema, ou seja, é a recuperação conceptual de toda a história da filosofia ocidental, um balanço filosófico da evolução da cultura ocidental em todos os seus aspectos: político, filosófico, econômico, social e etc. Segundo Hegel, não se pode fundar uma nova filosofia sem retornar ao passado. Além do mais, é uma obra importante para a filosofia contemporânea, porque é o ponto de partida de grandes correntes no campo da lógica, da filosofia do espírito, da filosofia social, política, moral e etc.

É nesta obra que Hegel consegue realizar o seu propósito expresso no prefácio, publicado como prefácio da *Fenomenologia do Espírito*, mas que, na realidade, é um prefácio ao sistema, importante para entender a *Enciclopédia*: "A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência-da meta em que deixe de chamar-se amor ao saber para ser saber efetivo—isto que me proponho" (HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses, Petrópolis: Vozes, 1992, p. 23). O propósito de Hegel é construir um sistema que seja ao mesmo tempo expressão do sujeito e pensamento do Absoluto.

Toda essa problemática começa a surgir no tempo de Iena. Hegel procura mostrar que só é possível construir o sistema se o homem for capaz de transgredir sua finitude e entrar no domínio da razão. No sistema de Iena, já encontramos delineado o esquema futuro da *Enciclopédia*. O problema central, então, é o da introdução ao sistema, e esta preocupação acompanha Hegel até a redação da *Enciclopédia*. A situação do sistema com relação ao sujeito que pensa, o problema da lógica do sistema que, em termos hegelianos, significa como passar do entendimento, que trata da finitude, à razão, que é o pensamento do infinito, e como ordenar as partes do sistema (estrutura) são questões fundamentais para ele. Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel mostra que a introdução possível ao sistema, para o sujeito, acontece quando ele se eleva ao Saber Absoluto (Ciência). Tendo definido o conceito de ciência, coloca o problema de como discorrer sobre ela, ou seja, como construir uma estrutura discursiva do sistema da razão (Conceito). A introdução fenomenológica aponta, para Hegel, a necessidade de outra introdução —introdução sistemática— que é a extensão do caminho fenomenológico, porque é este que permite a Hegel formular, como um fato da experiência da razão, o conceito preliminar do que é a ciência.

Em Nuremberg, onde foi professor e reitor do ginásio, redige diversos esquemas de cursos, reunidos e publicados posteriormente com o título de *Propedêutica Filosófica*, onde procura apresentar uma síntese de toda a filosofia. Esses cursos, de finalidade didática, foram redigidos segundo as normas do ensino público que recomendavam que os objetos do saber científico deviam ser reunidos em uma enciclopédia filosófica e não tratados separadamente. É preciso lembrar que esses cursos não são um estágio no sentido estrito do pensamento de Hegel, apenas ajudam a entender a evolução da lógica de Iena para a *Ciência da Lógica*. A lógica apresentada neles não é um resumo da lógica definitiva, mas, quando muito, um esquema antecipatório. Provavelmente, Hegel encontra, aí, a inspiração de uma nova forma para redigir o seu sistema. Os anos passados em Nuremberg (1808-1816) são importantes para elaboração do seu sistema. Neste período, redige a primeira parte dele —*Ciência da Lógica*— que contém dois volumes: lógica objetiva (lógica do ser e ló-

gica da essência-1812/1813), que retoma e refunde os conceitos-chaves da metafísica clássica até Leibniz, e lógica subjetiva (lógica do conceito-1816), onde repensa, em termos dialéticos, os temas da lógica formal, fazendo uma espécie de inversão total desta, mostrando que o mais importante é a forma do manifestar-se da verdade —o conceito.

Quando foi chamado à Universidade de Heidelberg, Hegel, pelas injunções circunstanciais, não pode continuar a expor o seu sistema nas proporções que a primeira parte assumira, e passa a expô-lo sob a forma enciclopédica. Na *Enciclopédia*, a elaboração abreviada da lógica foi facilitada, porque já tinha publicado a *Ciência da Lógica*, o mesmo não acontecendo com as outras duas partes —filosofia da natureza e filosofia do espírito—, o que justifica certa falta de equilíbrio encontrada ao longo da obra, ora trechos densos, ricos e bem elaborados, ora trechos muito esquemáticos, áridos e enigmáticos, não impedindo, no entanto, que ela se transforme num texto magistral.

A forma enciclopédica não é algo inventado por Hegel. Na Antiguidade clássica, enciclopédia designava a formação completa que abrangia todos os conhecimentos necessários para esta formação, e, no século XVIII, adotada pelos enciclopedistas, significava a capacidade de organizar sistematicamente, sob um determinado princípio, todo o desenvolvimento cultural alcançado pela humanidade, que a permitia chegar a sua maturidade. Na *Enciclopédia*, há como que uma junção desses dois aspectos. Hegel quer desenvolver a formação do espírito para a plena consciência-de-si e mostrar que esta tem como conteúdo o saber que, na expressão mais acabada, é a filosofia. O saber é o esquema interpretativo da vida e permite ao indivíduo aplicá-lo a todas as suas atividades. A *Enciclopédia* não é, portanto, uma suma de conhecimentos, mas a exposição que, segundo a terminologia hegeliana, significa que o conhecimento é uma totalidade capaz de se desdobrar em todos os seus aspectos a partir da sua força imanente. Portanto, a pressuposição da *Enciclopédia* é de que o pensamento é auto-organizador, e esta pressuposição é demonstrada com o desenrolar do pensamento, ou seja, com a construção da *Enciclopédia*, só sendo justificada com o término do último parágrafo.

Dito de outra forma, a pressuposição hegeliana é a identidade forma-conteúdo (p. 13). O conteúdo é aquele que se dá a si mesmo a sua forma —sua racionalidade—, e a racionalidade é aquilo que se dá a si mesmo o seu conteúdo —sua realidade. Para Hegel, a atividade do pensamento é uma exposição desta identidade, de tal modo que ela deixe de ser um puro dado, mas identidade em seu movimento, identidade que se autoconstrói, e isso é que é sistema. É o movimento do nosso conhecimento na sua forma superior que se chama razão. Tudo que o indivíduo possui e advém das suas experiências só é conteúdo,

para ele, na medida em que for idêntico com a forma que foi pensado, ou com a razão que se pode dar a ele. Por isso, a *Enciclopédia* trata da razão em si mesma (Ciência da Lógica), da razão na natureza (Filosofia da Natureza) e da razão na história (Filosofia do Espírito). Essa ordem não é arbitrária, mas uma das ordens possíveis, segundo a qual o conteúdo se expõe, e a esse movimento do conteúdo é que Hegel chama de método (caminho). Quando o pensamento atinge a radicalidade de pensar-se a si mesmo (reflexão), apresenta-se como o caminho para o indivíduo caminhar através das representações (Idéia Absoluta, pp. 366/371). Isso permite a Hegel criticar o subjetivismo romântico, para o qual o sentimento da verdade é que é tudo, e sobretudo o ceticismo criticista, segundo o qual o homem é incapaz de exprimir a verdade. A *Enciclopédia* é uma resposta a estas duas tendências.

Falando em termos editoriais, a *Enciclopédia* recebeu três edições: Heidelberg (1817) e Berlim (1827/1830). A segunda e a terceira edições, em relação à primeira, aumentaram muitos parágrafos e modificaram alguns. A terceira edição, em relação à anterior, introduz algumas mudanças para tornar sua exposição mais clara (p. 33), quanto às articulações essenciais, não há diferença entre elas. Na edição do texto, como o próprio tradutor chama a atenção (p. 9), é preciso separar o texto escrito por Hegel, parágrafos e notas, e os adendos, fruto das explicações orais, feita pelo professor, e anotada pelos alunos. A edição em língua portuguesa é a tradução da edição de 1830 e foi dividida em três volumes, contendo, o primeiro volume, os prefácios das três edições, a introdução e a *Ciência da Lógica*.

Podemos encontrar, no próprio Hegel, a explicação da significação da *Enciclopédia*. No primeiro prefácio, mostra que esta obra é um texto didático, uma sequência de teses, cujo desenvolvimento e esclarecimento seriam dados nas aulas. Isto é verdade se a considerarmos só sob o aspecto formal, porque, do ponto de vista do conteúdo, seu desenvolvimento é absolutamente sistemático. No prefácio à segunda edição, Hegel já estava em Berlim e tinha experiência docente de 10 anos do desenvolvimento do conteúdo da *Enciclopédia* (Cursos de Berlim). Depois de reafirmar que o seu pensamento se contrapõe ao Romantismo e ao Racionalismo, mostra que seu objetivo é definir o verdadeiro método filosófico (caminho) que conduz ao conhecimento da verdade. É a tentativa de restaurar o conteúdo com relação à forma, cujo crescimento fez com que o homem ocidental só se preocupasse com o pensamento na sua instrumentalidade e não com o fato desse pensamento ter ou não conteúdo. Em última análise, é mostrar a identidade forma e conteúdo que não é estática, mas dinâmica. Como afirma o próprio Hegel (p. 17), é o caminho mais difícil, mas é o único que tem valor. Hegel passa, a partir deste prefácio, a dar ênfase à relação entre filosofia e religião, considerada, aqui, não do ponto de vista da necessidade subjetiva do

indivíduo de crer, mas enquanto forma encontrada pelo homem para exprimir sua visão do mundo como conteúdo da verdade. Hegel, ao contrário do romantismo e sua teoria do sentimento religioso (satisfação da necessidade subjetiva da religião através do sentimento) e da *Aufklärung* com sua rejeição da religião (estágio da humanidade a ser ultrapassado), procura mostrar a transposição da visão religiosa do mundo para uma visão racional, mas sem esvaziar o conteúdo da religião. O conteúdo da religião e da filosofia é o mesmo (p. 25). O que a religião apresenta como representação, a filosofia apresenta como pensamento, e cabe à razão dar um sentido ao conteúdo da experiência humana total. A visão de totalidade, que era dada pela religião, passa a ser dada pela razão. O prefácio à terceira edição retoma os temas dos prefácios anteriores, insistindo em mostrar que as filosofias do sentimento e do entendimento não tinham condição de apresentar uma imagem racional do mundo, de transpor no registro da razão o que era a visão religiosa do mundo.

A introdução são dezoito parágrafos, onde apresenta de modo condensado o que entende por filosofia. Nos primeiros parágrafos, Hegel reproduz as idéias presentes nos prefácios e na aula inaugural, pronunciada em 1818, quando assumiu a cadeira de filosofia em Berlim. Depois, apresenta a gênese teórica da filosofia, a relação desta gênese com a sua gênese histórica, a estrutura sistemática da filosofia, a relação da filosofia com o filósofo, o problema do começo da filosofia e a decisão de filosofar e, finalmente, a estrutura interna do sistema como movimento da idéia. Sendo a filosofia o auto-engendramento de si mesmo no conceito, esse movimento é também uma autodivisão da idéia em ciência da lógica, filosofia da natureza e filosofia do espírito. A *Enciclopédia* unifica as três dimensões sobre as quais o real se apresenta, mas não podemos pressupor nem a divisão anterior ao todo e nem o todo acabado anterior às partes para começar a descrevê-lo. O discurso mostra o todo se desdobrando e, depois, retornando a si mesmo. A representação em três partes não é constitutiva do sistema. O que reproduz são os momentos continuamente passando um no outro.

A *Ciência da Lógica* começa pelos conceitos preliminares, onde Hegel explica o que significa o lógico no sistema, termo que leva muitas vezes a uma visão deformada do que seja a lógica de Hegel. A tarefa da lógica não é estudar as regras formais do pensamento. Ela começa pressupondo que o conhecimento atingiu o Saber Absoluto, onde o lógico apresenta-se sem referência a qualquer exterioridade. O lógico é a forma mais radical de ser, logo, diz respeito ao conteúdo. É a ciência do pensamento como conteúdo. Hegel retoma a distinção que faz entre representação e pensamento, e afirma que a filosofia é a transformação da representação em pensamento. Seu esforço é no

sentido de mostrar que não há perda de conteúdo nesta passagem. O pensamento tem o momento abstrato, mas ele não permanece aí, passando para o momento concreto do pensamento (conceito). Esta passagem do abstrato para o concreto é o desenrolar do pensamento no seu conteúdo próprio, conteúdo que o pensamento se dá a si mesmo, e não o que tira do sensível. Em seguida, Hegel desenvolve uma grande discussão com o que denomina as três posições do pensamento diante da objetividade da metafísica: o Racionalismo, o Empirismo e o Saber Imediato (pp. 89-156). Essas considerações mostram que as formas de filosofia, encontradas na tradição, não resolvem o problema do pensamento como conteúdo (relação forma/conteúdo) e tem que passar para o nível da razão (dialético). No "Conceito mais preciso e divisão da lógica" (pp. 159-169), Hegel mostra que o pensamento não se opõe ao real, mas que é o conteúdo do pensamento que dá consistência ao real. Para tanto, explica a estrutura formal do discurso. Hegel não constrói uma lógica em contraposição à lógica formal, no sentido de que esta não seja importante e nem que não a use, mas dá a sua versão definitiva dos três aspectos do lógico: a) o *abstrato*, domínio do entendimento que cria os conceitos abstratos; b) o *dialético*, domínio da razão negativamente racional que dissolve a fixidez dos conceitos do entendimento; c) o *especulativo*, domínio da razão positivamente racional que restabelece a unidade das oposições. Esse movimento é imanente ao conceito (dialético). O conceito é o que constitui a verdade das coisas, tem de ser conhecido através da sua gênese que se faz no próprio terreno lógico. Falar de como começar a discorrer sobre o lógico é, na verdade, falar de como o lógico começa a se expor. Como afirma Hegel (p. 65), a lógica, do ponto de vista da representação, é a ciência mais difícil, e, do ponto de vista do conceito, é a mais fácil, porque só trata de si mesma. Por isso, começa na noção de *ser* que é o conceito na sua imediatez, depois, o *ser* se cinde no ser e no seu aparecer, surge a *essência*, e a verdade dessa cisão é o *conceito* que mostra como desenvolveu, a partir do *ser*, a sua razão de ser. O *conceito* é a razão de ser do *ser*.

O *ser*, a *essência* e o *conceito* são os momentos constitutivos do caminho seguido na *Ciência da Lógica*. Portanto, no seu aspecto estrutural, a lógica divide-se em: a doutrina do ser (pp. 173-219), a doutrina da essência (pp. 222-289) e a doutrina do conceito e da idéia (pp. 292-371). O começo é o imediato (saber puro), que é o puro nada, e do qual tudo vai proceder, e, nesse sentido, é o fundamento. O começo é suprasumido pelo desenvolvimento do próprio discurso e, como tal, pode ser objeto de um conhecimento científico. Por isso, Hegel diz, o começo não tem nenhuma determinação, é o *ser* e o *nada* (*não-ser*) que vai se desenvolver e se tornar tudo. Não é devir (movimento) no sentido físico, mas processo puramente lógico. A lógica do ser é o processo do pensamento que tem por gênese intrínseca as determinações do pensamento (quali-

dade-quantidade-medida) na forma da imediatez. Tendo desdobrado todas essas determinações, o pensamento vai além do imediato e surge o mediato — a *essência*. Esta é a verdade do *ser* que retorna a si mesmo (reflexão) e, por isso, é dominado pela oposição *ser/aparecer*, porque, quando faz o retorno, aparece o que é, mas não pode justificar o que é. Na *essência*, o *ser* afirma a sua identidade não mais imediatamente, mas mediatizada pela lógica do *ser*. E o *conceito* é a verdade dialética do *ser* (imediato) e da *essência* (mediação). O *conceito* desenvolveu-se a partir do *ser*, mas, como se trata de um esquema circular, esse desenvolvimento é um aprofundamento dialético do *ser* em si mesmo (pp. 288/289-nota). Acompanhando o discurso da lógica, alcançamos o princípio na sua expressão última, o conteúdo que se sabe a si mesmo (autoconsciência), e, enquanto tal, é forma infinita, identidade demonstrada de forma e conteúdo — a *Idéia Absoluta*. É o resultado e, por isso, é o retorno ao começo, e esse é suprassumido na plenitude do fim. O *ser* é reassumido para tornar-se a plenitude da realidade. Esse retorno à imediatidade do *ser*, no termo do processo lógico, é um retorno que suprassume todas as determinações da esfera do lógico e, ao mesmo tempo, é o começo de uma nova esfera. Isso significa que o lógico vai se desenvolver de novo, não mais na forma do puro lógico, mas na forma da imediatidade; a *Idéia* é em si mesma, é na sua imediatidade e, como tal, é *natureza* (p. 370).

Para terminar essa breve apreciação, gostaria de chamar a atenção do leitor para a oportuna publicação, em apêndice, da tradução da apresentação de B. Bourgeois, feita para a sua tradução francesa da *Enciclopédia*. Trata-se, sem dúvida, de um dos intérpretes mais notável de Hegel e sua análise é um instrumento valioso para todos que se interessam pela leitura do texto hegeliano. Além disso, quero ressaltar a qualidade gráfica desta edição. É admirável o esforço das Edições Loyola em colocar à disposição do leitor brasileiro, numa excelente edição, um texto de inquestionável valor para a bibliografia filosófica. E, finalmente, parabenizar o tradutor pelo seu empreendimento ousado. Trata-se de um trabalho gigantesco, desenvolvido com grande competência. A terminologia hegeliana apresenta grande dificuldade, reconhecida por todos os estudiosos do seu pensamento, e sua tradução torna-se mais difícil ainda numa língua onde não existe uma terminologia cuja significação seja aceita pela maioria dos filósofos. É importante para o discurso filosófico, em língua portuguesa, a constituição de um léxico da linguagem filosófica, e só traduções do nível desta tradução, magistralmente correta sob todos os aspectos, é que podem contribuir para isso.

sentido de mostrar que não há perda de conteúdo nesta passagem. O pensamento tem o momento abstrato, mas ele não permanece aí, passando para o momento concreto do pensamento (conceito). Esta passagem do abstrato para o concreto é o desenrolar do pensamento no seu conteúdo próprio, conteúdo que o pensamento se dá a si mesmo, e não o que tira do sensível. Em seguida, Hegel desenvolve uma grande discussão com o que denomina as três posições do pensamento diante da objetividade da metafísica: o Racionalismo, o Empirismo e o Saber Imediato (pp. 89-156). Essas considerações mostram que as formas de filosofia, encontradas na tradição, não resolvem o problema do pensamento como conteúdo (relação forma/contéudo) e tem que passar para o nível da razão (dialético). No "Conceito mais preciso e divisão da lógica" (pp. 159-169), Hegel mostra que o pensamento não se opõe ao real, mas que é o conteúdo do pensamento que dá consistência ao real. Para tanto, explica a estrutura formal do discurso. Hegel não constrói uma lógica em contraposição à lógica formal, no sentido de que esta não seja importante e nem que não a use, mas dá a sua versão definitiva dos três aspectos do lógico: a) o *abstrato*, domínio do entendimento que cria os conceitos abstratos; b) o *dialético*, domínio da razão negativamente racional que dissolve a fixidez dos conceitos do entendimento; c) o *especulativo*, domínio da razão positivamente racional que restabelece a unidade das oposições. Esse movimento é imanente ao conceito (dialético). O conceito é o que constitui a verdade das coisas, tem de ser conhecido através da sua gênese que se faz no próprio terreno lógico. Falar de como começar a discorrer sobre o lógico é, na verdade, falar de como o lógico começa a se expor. Como afirma Hegel (p. 65), a lógica, do ponto de vista da representação, é a ciência mais difícil, e, do ponto de vista do conceito, é a mais fácil, porque só trata de si mesma. Por isso, começa na noção de *ser* que é o conceito na sua imediatez, depois, o *ser* se cinde no ser e no seu aparecer, surge a *essência*, e a verdade dessa cisão é o *conceito* que mostra como desenvolveu, a partir do *ser*, a sua razão de ser. O *conceito* é a razão de ser do *ser*.

O *ser*, a *essência* e o *conceito* são os momentos constitutivos do caminho seguido na *Ciência da Lógica*. Portanto, no seu aspecto estrutural, a lógica divide-se em: a doutrina do ser (pp. 173-219), a doutrina da essência (pp. 222-289) e a doutrina do conceito e da idéia (pp. 292-371). O começo é o imediato (saber puro), que é o puro nada, e do qual tudo vai proceder, e, nesse sentido, é o fundamento. O começo é supressumido pelo desenvolvimento do próprio discurso e, como tal, pode ser objeto de um conhecimento científico. Por isso, Hegel diz, o começo não tem nenhuma determinação, é o *ser* e o *nada* (*não-ser*) que vai se desenvolver e se tornar tudo. Não é devir (movimento) no sentido físico, mas processo puramente lógico. A lógica do ser é o processo do pensamento que tem por gênese intrínseca as determinações do pensamento (quali-

dade-quantidade-medida) na forma da imediatez. Tendo desdobrado todas essas determinações, o pensamento vai além do imediato e surge o mediato — a *essência*. Esta é a verdade do *ser* que retorna a si mesmo (reflexão) e, por isso, é dominado pela oposição *ser/aparecer*, porque, quando faz o retorno, aparece o que é, mas não pode justificar o que é. Na *essência*, o *ser* afirma a sua identidade não mais imediatamente, mas mediatizada pela lógica do *ser*. E o *conceito* é a verdade dialética do *ser* (imediato) e da *essência* (mediação). O *conceito* desenvolveu-se a partir do *ser*, mas, como se trata de um esquema circular, esse desenvolvimento é um aprofundamento dialético do *ser* em si mesmo (pp. 288/289-nota). Acompanhando o discurso da lógica, alcançamos o princípio na sua expressão última, o conteúdo que se sabe a si mesmo (autoconsciência), e, enquanto tal, é forma infinita, identidade demonstrada de forma e conteúdo — a *Idéia Absoluta*. É o resultado e, por isso, é o retorno ao começo, e esse é suprasumido na plenitude do fim. O *ser* é reassumido para tornar-se a plenitude da realidade. Esse retorno à imediatidade do *ser*, no termo do processo lógico, é um retorno que suprassume todas as determinações da esfera do lógico e, ao mesmo tempo, é o começo de uma nova esfera. Isso significa que o lógico vai se desenvolver de novo, não mais na forma do puro lógico, mas na forma da imediatidade; a *Idéia* é em si mesma, é na sua imediatidade e, como tal, é *natureza* (p. 370).

Para terminar essa breve apreciação, gostaria de chamar a atenção do leitor para a oportuna publicação, em apêndice, da tradução da apresentação de B. Bourgeois, feita para a sua tradução francesa da *Enciclopédia*. Trata-se, sem dúvida, de um dos intérpretes mais notável de Hegel e sua análise é um instrumento valioso para todos que se interessam pela leitura do texto hegeliano. Além disso, quero ressaltar a qualidade gráfica desta edição. É admirável o esforço das Edições Loyola em colocar à disposição do leitor brasileiro, numa excelente edição, um texto de inquestionável valor para a bibliografia filosófica. E, finalmente, parabenizar o tradutor pelo seu empreendimento ousado. Trata-se de um trabalho gigantesco, desenvolvido com grande competência. A terminologia hegeliana apresenta grande dificuldade, reconhecida por todos os estudiosos do seu pensamento, e sua tradução torna-se mais difícil ainda numa língua onde não existe uma terminologia cuja significação seja aceita pela maioria dos filósofos. É importante para o discurso filosófico, em língua portuguesa, a constituição de um léxico da linguagem filosófica, e só traduções do nível desta tradução, magistralmente correta sob todos os aspectos, é que podem contribuir para isso.